

Medicina é saúde?

ROBERTO H. COOPER*

Os chineses diziam que o princípio da sabedoria consistia em se chamar as coisas pelo que elas efetivamente são. Medicina e saúde têm sido usadas como sinônimos quando, na verdade, expressam conceitos e valores muito diferentes. Diferenciá-las traz vantagens e benefícios.

Sabemos o que significa ter saúde e mais ainda não tê-la. Mas temos dificuldade em definir seu valor. A Organização Mundial de Saúde classifica saúde como "o estado de bem estar físico, mental e social". Nada mais amplo, abrangente e indefinido. Exatamente o que a saúde é. Para cada um de nós, saúde será sempre um bem relativo. Terá um forte componente cultural e sofrerá influências multifatoriais. Para uma criança é uma coisa, para um cidadão de 90, outra. Saúde é uma aspiração de todos. Faz parte da declaração dos Direitos Universais dos Homens e da nossa Constituição. Pressupõe a capacidade de usufruir da vida sem limitações orgânicas, psíquicas ou sociais. É um ideal mais do que uma meta efetivamente alcançável. Não existe saúde absoluta. Sendo isso tudo, tem outra característica fundamental: não pode ser comprada nem vendida. Não há fortuna que compre saúde.

A medicina, por sua vez, é uma mistura de ciência com arte que pode ser expressa em uma prestação de serviço: a assistência médica. A prática médica é um ofício com pré-requisitos definidos e um código de ética que rege o comportamento profissional dos médicos. A formação é baseada no estudo das doenças e nas formas de tratá-las. A sociedade valorizou a especialização e a tecnologia como sinônimos de qualidade dessa prestação de serviço. Concedeu status ao conhecimento da doença rara, ao tratamento intensivo, à investigação sofisticada e à intervenção heróica. Vemos no médico um ser com poderes especiais, senhor da cura.

Ainda que saibamos que a grande maioria

das nossas aflições poderiam ser resolvidas por um bom generalista que fizesse uma anamnese completa e um exame de investigação para ouvirmos o veredicto tão desejado – está tudo ótimo –, somos capazes de manifestar uma frustração velada, perguntando: "Mas doutor, nem um hemograma? Nem uma vitamina?" Pode até ser que, fruto de uma cultura incentivada pela publicidade dos planos de medicina complementar, a pergunta seja: "Não seria melhor uma ressonância para ter certeza?"

Vejam que falei sobre a medicina sem mencionar uma única vez a palavra saúde. Por uma razão muito simples: medicina e saúde são muito diferentes. Como? Afinal, o médico lida com vidas humanas. Certo. Mas também lidam com vidas humanas o engenheiro (se o prédio cair?), o advogado (se o réu for mal defendido?), o motorista de táxi (se bater?). A diferença é que o médico lida com a vida ameaçada pela enfermidade, o que torna mais evidente sua relação com a sobrevivência das pessoas. O médico lida com um momento crítico, portanto de alta visibilidade.

Se tivéssemos nascido no início do século, nossa expectativa de vida seria de 40 anos. Hoje está em torno de 70 anos. Se a medicina tivesse algo a ver com saúde, certamente seria a responsável por esses 30 anos a mais. Não é! Quem nos ofereceu mais saúde foi o saneamento básico; foi a bio-segurança dos alimentos (o advento da geladeira); foi o desenvolvimento de vacinas, graças à biotecnologia (Pasteur não era médico!); foram a educação e a informação, que nos permitem optar por hábitos mais saudáveis e seguros; foi a legislação, com alterações no código de trânsito, tornando obrigatório o uso de cinto de segurança e capacetes; foi a engenharia de embalagens, desenvolvendo tampas de remédios e produtos de limpeza que crianças não conseguem abrir.

A contribuição da medicina na conquista dessa longevidade se deu no seu aspecto menos glamouroso: prevenção. O acompanha-

mento da gestante no pré-natal, os exames periódicos para detecção precoce de câncer e a terapia de reidratação oral são exemplos da participação da medicina na preservação da saúde. Essas ações conseguiram salvar mais vidas – e nos fazer viver mais, com qualidade – do que qualquer procedimento cirúrgico sofisticado ou nova tecnologia de terapia intensiva.

Mas o que ganhamos se aceitarmos a idéia de que há uma grande diferença entre saúde e medicina? Ganhamos a possibilidade de nos tornarmos mais senhores da nossa saúde, buscando informações adequadas, mudando comportamentos. Vamos ganhar mais porque o médico será respeitado e valorizado como um prestador de serviço. E quanto melhor o serviço prestado, maior seu valor.

Nós, clientes ou consumidores, vamos nos sentir mais à vontade para tirar nossas dúvidas, exigir valores agregados à consulta (pontualidade etc.). Se continuarmos a ver no médico o senhor da saúde estaremos delegando a outro algo que nos pertence. E teremos dificuldade em discutir aspectos "menos nobres", como valor e preço do serviço prestado. Para o médico, uma vez separada a sua prática desse bem maior que é a saúde, também será mais fácil discutir um valor mais justo para a remuneração que, hoje, se encontra em níveis inacreditavelmente baixos (você tem idéia de quanto um plano de medicina complementar paga por uma consulta?). Se medicina e saúde continuarem confundidos, é quase impossível discutir esses aspectos da relação médico-paciente (ou melhor, médico-cliente).

Se tudo isso não for suficiente ou interessante, pelo menos podemos seguir o ensinamento chinês de chamar as coisas pelos seus nomes. Casas de saúde e planos de saúde vão ter que arrumar outro nome. Ou nós, consumidores esclarecidos, poderemos alegar propaganda enganosa!

*Da Companhia de Administração Hospitalar